



CRENDICES E SUPERSTIÇÕES ASSOCIADAS AOS ANIMAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA COM ENFOQUE NA CONSERVAÇÃO

LUANA KELLY OLIVEIRA GADELHA; MARCIA FREIRE PINTO

RESUMO

A explicação de fenômenos com base em crenças, em vez de recorrer à ciência, é uma prática comum que pode ter um impacto significativo na biodiversidade. Nesse contexto, o objetivo geral deste trabalho foi analisar a influência das crenças e superstições na conservação dos animais. A pesquisa realizada consistiu em uma revisão bibliográfica, com base em trabalhos científicos da área de Biodiversidade, publicados até fevereiro de 2024, nas plataformas de pesquisa Scielo, PubMed, Scopus, Web of Science, Capes e Google Acadêmico. Foram utilizados descritores específicos (crenças, mitos, lendas, cultos, rituais) em português e inglês, combinados com os operadores booleanos (e/ou e and/or). Os dados foram interpretados livremente, utilizando o software Microsoft Excel. Foram encontrados 160 trabalhos nas plataformas pesquisadas, com treze abrangendo dois ou mais estados. As regiões com maior número de publicações foram Nordeste (n = 117) e Norte (n = 40), e os estados mais representativos foram Paraíba (n = 26), Bahia (n = 24) e Pernambuco (n = 22). Os grupos de animais mais citados foram os mamíferos, as aves e os répteis. Muitos animais foram mencionados nas diversas categorias de crenças (mitos, superstições, tabus, lendas, simpatias e rituais), tais como: acauã (*Herpetotheres cachinnans* Linnaeus, 1758), jabuti (*Chelonoidis denticulata* Linnaeus, 1766), cascavel (*Crotalus durissus* Linnaeus, 1758), boi/vaca (*Bos taurus* Linnaeus, 1758) e veado-do-mato (*Mazama americana* Erxleben, 1777). Os resultados desta revisão destacam como esses saberes acumulados compõem o patrimônio cultural das comunidades e sua importância na educação ambiental, na medicina tradicional e em rituais religiosos. Todas as crenças contribuem de alguma forma para as ações de conservação das espécies, tornando necessários estudos em locais mais diversos do país.

Palavras-chave: Crenças; Folclore; Sociobiodiversidade; Fauna

1 INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre como funcionam o cérebro e a mente podem nos ajudar a entender como crenças são construídas e mantidas para dar sentido à vida, e muitas vezes, podem surgir por limitações da mente, que nos fazem acreditar em coisas que não condizem com a realidade (PILATI, 2018). A importância e presença da fauna em mitos, contos e crenças, e a percepção cultural são umas das áreas de pesquisa da Etnozoologia, uma das subáreas da Etnobiologia (SANTOS-FITA; COSTA-NETO, 2007). O termo Etnozoologia ou “Etnozoology” surgiu nos Estados Unidos e foi definido por Mason, em 1899, como “[...] a zoologia da região tal como narrada pelo selvagem [...]”, sendo o estudo dos diversos usos e conhecimentos que os indivíduos têm em relação aos animais (CLÉMENT, 1998, p. 182).

A população, muitas vezes, não percebe a importância dos animais para a natureza e os possíveis benefícios que eles nos trazem (BERNARDE, 2018). Também há muitas informações incorretas em crenças populares e ainda erros ou lacunas com relação à sua biologia até em livros didáticos (SILVA; BOCHNER; GIMÉNEZ, 2011). Além disso é possível observar que

há uma relação entre a diversidade biológica e a cultural, e, portanto, conhecer e proteger as culturas locais significa preservar ambas as diversidades (PRIMACK; RODRIGUES, 2001), o que pode ser mais relevante quando há uma variedade maior de culturas a disposição para serem conhecidas, como ocorre em um trabalho de revisão.

Nesse contexto, buscou-se analisar a influência das crendices e superstições na conservação dos animais, através de uma revisão bibliográfica das publicações realizadas no Brasil, com a identificação dos animais e das crendices e superstições associadas a eles, além do conhecimento científico que se tem sobre essas espécies e sua relação com os rituais.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Buscou-se para a revisão em questão, os trabalhos publicados no Brasil. Segundo o IBGE¹, o Brasil ocupa uma área de 8.510.417 km² e tem uma população estimada em 203.080.756 pessoas, a maior parte considerada parda (45,3%) e a menor indígena (0,6%). Foram pesquisados trabalhos como artigos científicos, tcc's, dissertações e teses. A partir disso, considera-se que esta revisão bibliográfica se constitui como estado da arte (PICHETH, 2007), em que são analisadas as produções bibliográficas em uma área específica, evidenciando o que tem se destacado mais ou menos na literatura que foi selecionada (NORONHA; FERREIRA). A coleta dos dados foi realizada através de levantamento bibliográfico de todos os trabalhos científicos sobre crenças, lendas e mitos no Brasil publicados até fevereiro de 2024, dentro da área de avaliação da CAPES em Biodiversidade, nas plataformas de pesquisa, Scielo, PubMed, Scopus, Web of Science, Capes e Google Acadêmico. Como descritores, foram usados os termos: crenças, mitos, lendas, uso mágico-religioso, cultos, e rituais, com variações dos termos em inglês. Também foi utilizado os operadores booleanos ou/or e e/and que amplia a pesquisa ou restringe os resultados, respectivamente (ver VOLPATO, 2000).

Os trabalhos que não contribuíram para os objetivos da revisão foram excluídos da análise, tais como outras revisões bibliográficas, trabalhos repetidos e aqueles não disponíveis na *internet* gratuitamente. Os dados foram organizados, consolidados e analisados através de tabelas do *software Microsoft Office Excel*. Os animais registrados foram listados e organizados nessas tabelas de acordo com sua respectiva crença (mito, superstição, lenda, simpatia e ritual).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo foram selecionados 160 trabalhos científicos de 19.949 encontrados nas plataformas, dentro das quais as que mais se destacaram em números foram Google Acadêmico (n = 102) e Pubmed (n = 27). Com relação ao tipo de pesquisa, a maioria foram artigos ou anais (n = 120), seguidos de dissertações (n = 20), monografias ou tcc's (n = 17) e teses (n = 3). E quanto ao ano de publicação, o primeiro trabalho encontrado foi publicado em 1996 e os anos com mais publicações foram 2011 e 2013, com 14 trabalhos publicados em cada ano.

O foco das pesquisas etnozoológicas tem relação com a região em que são desenvolvidas, e são influenciadas por aspectos como a diversidade cultural e ecossistêmica local (ALVES; SOUTO, 2011). Dos 160 trabalhos encontrados na presente revisão, treze abrangeram dois ou mais estados, o que deu um total equivalente a 193 de participação estatal.

Deste total, as regiões com mais publicações foram Nordeste (n = 117) e Norte (n = 41). Os estados mais representativos foram: Paraíba (n = 26), Bahia (n = 24) e Pernambuco (n = 22), e somente em Rondônia, Amapá e no Distrito Federal não foram encontradas publicações.

1

Disponível em:
https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em 21 de fevereiro de 2024.

Nas crenças e mitos, foram citados 133 animais, cujos grupos mais representativos foram as aves (n = 46), seguidos dos répteis (n = 25) e dos mamíferos e insetos respectivamente com 24 animais. Já o número de crenças e mitos foram 279 e cabe ressaltar que quatro dessas crenças e mitos não foram associadas a um grupo específico. As espécies mais citadas nos trabalhos foram: cobras (n = 54), sapos (n = 17), acauã (*Herpetotheres cachinnans* Linnaeus, 1758) (n = 17), cascavel (*Crotalus durissus* Linnaeus, 1758) (n = 15), cobra-preta (*Pseudoboa nigra* Duméril, Bibron & Duméril, 1854) (n = 13), sucuri (*Lachesis muta* Linnaeus, 1766) (n = 10) e cobra-de-duas-cabeças (*Amphisbaena mertensii* Strauch, 1881) (n = 10). Os mitos e crenças mais comuns relatados nas pesquisas foram: a urina dos anfíbios ser venenosa ou causar cegueira (n = 19); cobras poderem mamar, relacionando principalmente à cobra-preta (*P. nigra*) (n = 16); a vocalização da ave acauã (*H. cachinnans*) corresponder a um evento climático (n = 9) ou à morte ou mau agouro (n = 8); e a vocalização das corujas (*Tyto alba* Scopoli, 1769 e *Tyto furcata* Temminck, 1827) também se relacionar à morte ou mau agouro (n = 9).

O mito mais citado não corresponde à verdade, pois a urina que anfíbios eliminam é liberada apenas como mecanismo de defesa a predadores, estresse ou outros tipos de ameaça (DIAS; LIMA; ANDRADE, 2018). Já o mito da cobra que mama também não tem veracidade devido à própria anatomia ofídica, ao fato de o leite não compor a dieta dos répteis e de não fazer parte do habitat em que vivem (LEMA, 2002). Muitas pessoas não compreendem a importância de anfíbios e répteis na natureza e, motivados, às vezes, por crenças populares, podem acabar maltratando ou matando esses animais (DIAS; LIMA; ANDRADE, 2018). Nesse contexto, a educação ambiental pode atuar como valorização do potencial científico/didático do conhecimento popular sobre a fauna e despertar a consciência ecológica nos estudantes (SANTOS; MACIEL, 2022).

Com relação às aves, na vocalização de determinadas espécies atribui-se o poder de prenunciar acontecimentos, e esses emissores podem ser classificados em cinco critérios de “ornitoáugures”, denominação dada por Marques (1998), sendo eles: funéreos (prenunciam morte), funestos (prenunciam desgraças), societários (prenunciam visitas, encontros etc.), meteóricos (prenunciam mudanças climáticas e temporais) e fantásticos (prenunciam contatos com o sobrenatural). Dentro dessa classificação, alguns animais foram citados nas pesquisas, tais como: o acauã (*Herpetotheres cachinnans*) e a coruja rasga-mortalha (*Tyto furcata*), a galinha (*Gallus Gallus* Linnaeus, 1758) e o beija-flor-rabo-de-tesoura (*Eupetomena macroura* Gmelin, 1788), o vêm-vém (*Euphonia chlorotica* Linnaeus, 1766) e o sede-sede (*Tapera naevia* Linnaeus, 1838), o joão-de-barro (*Furnarius rufus* Gmelin, 1788) e o sabiá-coca (*Turdus rufiventris* Vieillot, 1818), e o lambú (*Crypturellus parvirostris* Wagler, 1827) e as corujas (*Tyto spp.*), respectivamente.

Os animais também estão presentes nas lendas e as mais mencionadas nas pesquisas foram: o Boto (n = 7) e a Cobra Grande (n = 7), seguidas de: Boitatá (n = 4), Anaconda (n = 4), a lenda atribuída à ave conhecida como lavadeira (n = 4). Algumas delas traziam referências religiosas, sendo animais que ajudaram à Sagrada Família ou estão ligadas a passagens bíblicas (n = 6); outras se referiam a espécies com poder de “encantamento” (n = 20).

Nas pesquisas, algumas das espécies citadas com referência religiosa foram: a lavadeira (*Fluvicola spp.*), por lavar a roupa de Nosso Senhor; a rolinha fogo-pagou (*Columbina squammata* Lesson, 1831), que apagou os rastros de Nossa Senhora com o menino Jesus para que eles não fossem perseguidos pelo povo inimigo; e o seriguê ou cassaco (*Didelphis albiventris* Lund, 1840), pela fêmea ter amamentado Jesus Cristo, por isso não sente dor ao parir, tem os “filhos para fora”, presente dado por Nossa Senhora como agradecimento. Esses animais estariam ligados a práticas etnoconservacionistas ou tabus sociais, incluindo, por exemplo, a proibição de pescar ou comer carne em alguns dias santos (MARQUES, 2005).

Os seres “encantados” mais citados nas pesquisas foram o Boto e a Cobra-grande (Cobra Norato), que se transformam em belos rapazes e ótimos dançarinos para cortejar moças nas

festas das cidades (ver CASCUDO, 2012; PUORRO, 2018). Com relação a esses seres chamados “encantados”, eles podem ser “encantados-do-fundo”, que atraem as pessoas para sua morada no fundo dos rios; e “encantados-da-mata”, os quais costumam fazer as pessoas se perderem na floresta, sobretudo caçadores que matam exageradamente o mesmo tipo de animal ou caçam além de suas necessidades (MAUÊS, 1994). Constituem-se, portanto, como defensores míticos da natureza, contribuindo para que o respeito e valorização de crenças locais seja considerada uma estratégia de conservação ambiental (MARQUES, 2005).

Partes de animais podem ter uso medicinal, que deve ser entendido sob uma perspectiva cultural, já que que sistemas médicos se organizam como sistemas culturais (COSTA-NETO, 2011). A medicina clínica ocidental tende a ser mais exata, porém quando o paciente continua a piorar depois de todas as curas naturais conhecidas, ele pode acabar recorrendo a algum tipo de solução mágica ou sobrenatural (FLEMING-MORAN, 1992). A medicina mágica busca o componente sobrenatural presente no doente ou extrai o mal que lhe acomete, compreendendo, dentre outros, as benzeduras, simpatias e as profilaxias mágicas (ARAÚJO, 1961). Nas simpatias, há a necessidade de serem mantidas em segredo pelo enfermo para que possam surtir o efeito esperado (ALVES; ROSA; SANTANA, 2007). As profilaxias mágicas são elementos virtuosos que servem para proteção e como forma de evitar doenças e outras ameaças, e incluem, dentre outros, os patuás, os amuletos e os talismãs (ARAÚJO, 1961).

Com relação às simpatias, foram citados 103 animais, sendo os mais numerosos o dos mamíferos (n = 39), seguido das aves (n = 19) e dos répteis (n = 19). As espécies mais citadas foram: canção (*Cyanocorax cyanopogon* Wied-Neuwied, 1821) (n = 12), jibóia (*Boa constrictor* Linnaeus, 1758) (n = 10), cascavel (*Crotalus durissus*) (n = 9), tatu-peba (*Euphractus sexcintus* Linnaeus, 1758) (n = 9), boto (*Sotalia fluviatilis* Gervais & Deville, 1853) (n = 9), boi/vaca (*Bos taurus* Linnaeus, 1758) (n = 9). O número de simpatias associadas aos animais totalizou 170. Foram citadas diversas partes do animal utilizadas nessas práticas, ou o animal inteiro, bem como simpatias mais diferenciadas que não necessitavam sacrificar o animal, como: cuspir na boca do piau (*Leporinus sp.*) e soltá-lo vivo para curar diabetes, câncer e cansaço; ou a mulher grávida fazer um movimento circular na barriga e dizer que é filho do pássaro japiim (*Cacicus cela* Linnaeus, 1758) para que o olho da criança venha igual ao dele.

Nas pesquisas, as simpatias e profilaxias mágicas estiveram relacionadas, geralmente, com atrair sorte, dinheiro, amor e sucesso financeiro, ou como proteção na floresta, contra o mau-olhado, outras doenças e ataques de animais. Amuleto ou perfume para atração sexual foi feito com partes do boto (*Sotalia fluviatilis* Gervais & Deville, 1853). Amuletos para proteção contra o mau-olhado eram usados com animais como: boi/vaca (*Bos taurus*), tatu-peba (*E. sexcintus*), tatu-de-nove-bandas (*Dasypus novemcinctus* Linnaeus, 1758), jacaré-tinga (*Caiman crocodilus* Linnaeus, 1758) e jiboia (*Boa constrictor*).

Como proteção a ataques de morcegos ou à picada de cobra, alguns animais foram mencionados, tais como: espécies de jacarés da família Alligatoridae, cascavel (*Crotalus durissus*), zabelê (*Crypturellus noctivagus zabele* Spix, 1825), timanou-cinza (Nambu-azulona), gato-maracujá (*Leopardus pardalis* Linnaeus, 1758) e guaxinim (*Procyon cancrivorus* Cuvier, 1798). Simpatias para tratar doenças respiratórias eram realizadas em animais como: cambotá (*Callichthys sp.*), sapos, tartaruga-de-pés-vermelhos (*Chelonoidis carbonaria* Spix, 1824) e canção (*Cyanocorax cyanopogon*). Essas simpatias envolviam dar para o animal restos de comida do enfermo, o paciente tomar o “pó” do animal assado ou fazer uma pulseira com suas penas e deixar arrebentar por si só.

Nos cultos e rituais religiosos, foram citados 67 animais, sendo os mais numerosos o grupo dos mamíferos (n = 14), seguidos dos répteis (n = 12) e das aves (n = 11). As espécies mais mencionadas foram: galinha (*Gallus gallus* Linnaeus, 1758) (n = 9), cascavel (*Crotalus durissus* Linnaeus, 1758) (n = 6), pombo (*Columba livia* Gmelin, 1789) (n = 5), boi/vaca (*Bos*

taurus Linnaeus, 1758) (n = 4) e bode/cabra (*Capra cabra* Linnaeus, 1758) (n = 4). O número de práticas religiosas ou espirituais associadas aos animais totalizou 97. As práticas religiosas mais citadas nas pesquisas foram: oferendas ou simbolismos a diversas divindades do Candomblé (n = 25), práticas de Bori ou limpeza espiritual (n = 21), rituais indígenas (n = 19), práticas de magia branca ou negra (n = 15), adivinhação e utilização como objetos rituais e decorativos (n = 7), e outros (n = 10). Esse último se refere a rituais mais diferenciados, como o ritual de invisibilidade envolvendo o gato preto (*Felis catus* Linnaeus, 1758).

Em algumas pesquisas em terreiros de Candomblé, havia uma dificuldade em entrevistar padres e sacerdotes ou eles eram relutantes em responder as perguntas, conforme mostra o estudo realizado por Léo-Neto; Mourão e Alves (2011), no qual essa dificuldade estava associada a informações imprecisas dadas da localização desses oficiais religiosos e, possivelmente, do antagonismo que a sociedade cristã tem com o candomblé. Os sacerdotes dessas religiões muitas vezes preferem animais domésticos devido à dificuldade em adquirir espécies silvestres e à sacralidade atribuída a algumas dessas espécies (ver ALVES *et al.*, 2012). Nas pesquisas, foram citadas divindades como Obatalá, Oxumarê, Nanã e Logun-Edé, as quais estavam relacionadas a animais como boi-de-obatalá (*Achatina fulica* Ferussac, 1821), todas as serpentes, sapos e cavalo-marinho (*Hipocampo reidi* Ginsburg, 1933), respectivamente. Determinadas espécies são relacionadas aos orixás devido a beleza, mitos contados ou mesmo ao hábitat do animal, o qual pode estar ligado ao domínio desse orixá (LÉO-NETO; ALVES, 2010). As práticas de adivinhação, também relatadas nas pesquisas, se referem ao jogo de búzios, citados nos trabalhos utilizando moluscos como boi-de-obatalá (*Achatina fulica* Ferussac, 1821), búzio (*Monetaria sp.*) e búzio-africano (*Erosaria caputserpentis* Linnaeus, 1758). O jogo de búzios é representado por fiéis que entram em contato com os Orixás para consultar acontecimentos futuros, tais como saúde na família, possibilidade de sucesso financeiro e do retorno da pessoa amada (LÉO-NETO *et al.*, 2012).

Nas práticas indígenas, foram citadas espécies como: abelha urucu (*Melipona scutellaris* Latreille, 1811), em um ritual onde se pratica abstinência sexual três dias antes da coleta do mel; jacaré-açú (*Melanosuchus niger* Spix 1825), caçado e dado seu espírito à criança que receberá sorte, fartura e prosperidade nas colheitas; e acauã (*Herpetotheres cachinnans*), morto na lua nova e com partes do corpo sendo usadas em infusões que serão dadas a um recém-nascido para proteção contra picada de cobra.

Os povos indígenas, mais do que os outros povos, possuem conhecimentos muito relevantes sobre a diversidade biológica e sua influência no aproveitamento de recursos naturais (POSEY, 1987). E a manutenção da diversidade biológica tornou-se um ponto muito importante na temática da conservação, visto que ela vai além do aspecto do mundo natural ao ser também uma construção cultural e social (DIEGUES e ARRUDA, 1999).

4 CONCLUSÃO

Os resultados presentes nessa revisão mostraram como os saberes acumulados sobre os animais em crenças, lendas e mitos compõem o patrimônio cultural das comunidades e sua importância na educação ambiental, na medicina tradicional e em rituais religiosos. Os grupos de animais mais citados foram os mamíferos, as aves e os répteis, e em muitas pesquisas eram focados apenas neles. Muitas espécies foram citadas nas diversas categorias de crenças (mitos, superstições, lendas, simpatias ou rituais), tais como: acauã (*Herpetotheres cachinnans* Linnaeus, 1758), jabuti (*Chelonoidis denticulata* Linnaeus, 1766), cascavel (*Crotalus durissus* Linnaeus, 1758), boi/vaca (*Bos taurus* Linnaeus, 1758) e veado-do-mato (*Mazama americana* Erxleben, 1777), o que retrata os diferentes modos de uso que um mesmo animal pode ter.

As crenças relatadas envolveram mitos e superstições envolvendo animais para atrair chuva, azar ou sorte, mau agouro ou morte; uso em simpatias para proteção na floresta, sucesso

financeiro ou amor, e contra mau-olhado, outras doenças ou ataques de animais; bem como seu uso em rituais religiosos. Todas essas crenças, de alguma forma, podem contribuir com práticas conservacionistas das espécies, pois trabalhar com a Biologia da Conservação implica compreender os diferentes aspectos socioambientais que estão envolvidos. Além disso, verificou-se que são necessários mais estudos e principalmente em locais mais diversos do país.

REFERÊNCIAS

ALVES RRN; ROSA IL; LÉO-NETO NA; VOEKS R. Animals for the Gods: Magical and religious faunal use and trade in Brazil. **Hum Ecol**, 40:751–780, 2012.

ALVES RRN; ROSA IL; SANTANA GG. The role of animal-derived remedies as complementary medicine in Brazil. **Bioscience**, 57: 949-955, 2007.

ALVEZ, R.; SOUTO, W. Ethnzoology: A brief introduction. **Ethnobia Conserv**, 4:1, 2015.
ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina rústica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

BERNARDE, P.S. Animais “não carismáticos” e a educação ambiental. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v.5, n.1, p.1-7, 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 1. ed. São Paulo: Global, 2012.

CLÉMENT, D. The Historical Foundations of Ethnobiology (1860-1899). **Journal of Ethnobiology** 18:161-187, 1998.

COSTA-NETO EM. A zooterapia popular no estado da Bahia: registro de novas espécies animais utilizadas como recursos medicinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 16, 2011.

DIAS MAS; LIMA NB; ANDRADE CAF. Análise do conhecimento etno-herpetológico dos estudantes no município de Salinas, Minas Gerais, Brasil. **Acta Biomedica Brasiliensia**, vol. 9, n. 1, 2018.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira (org.). **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo, 1999.

FLEMING-MORAN, Millicenti. The folk view of natural causation and disease in Brazil and its relation to traditional curing practices. **Bol Mus Para Emílio Göeldi**, 8(1):65-156, 1992.

LEMA, Thales de. **Os répteis do Rio Grande do Sul: atuais e fósseis, biogeografia e ofidismo**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002.

LÉO-NETO NA; ALVES RRN. A natureza sagrada do Candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de candomblé no Nordeste do Brasil. **Interciência**, n. 8, vol. 35, 2010.

LÉO-NETO, NA; MOURÃO, JS; ALVES, RRN. "“It all begins with the head”": Initiation rituals and the symbolic conceptions of animals in Candomblé". **Journal of Ethnobiology**, 31(2), 244-261, 2011.

LÉO NETO NA; VOEKS RA; DIAS TL *et al.* Mollusks of Candomblé: symbolic and ritualistic

importance. **J Ethnobiology Ethnomedicine**, 8, 10, 2012.

MARQUES, J.G.W. “Do canto bonito ao berro do bode”: percepção do comportamento de vocalizações de aves entre camponeses alagoanos. **Revista de Etologia**, p. 71-85, 1998.

MARQUES, J.G.W. “É pecado matar a esperança, mas todo mundo quer matar o sariguê”: Etnoconservação e catolicismo popular no Brasil. In: ALVES AGC; LUCENA RFP & ALBUQUERQUE UP. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Volume 2. Recife: SBEE/NUPEEA, p. 25-43, 2005.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Medicinas populares e a “pajelança cabocla”. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 73-81.

NORONHA DP; FERREIRA SMSP. Revisões de literatura. In: CAMPELLO BSVC; CENDÓN BV; KREMER JM. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PICHETH, F. M. **PeArte**: um ambiente colaborativo para a formação do pesquisador que atua no ensino superior por meio da participação em pesquisas do tipo estado da arte. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007.

PILATI, Ronaldo. **Ciência e pseudociência**: porque acreditamos naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Contexto, 2018.

POSEY, Darrell A. **Introdução – Etnobiologia**: Teoria e prática, 1987.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues, 2001.

PUORRO, Yuri Andrey Cardoso. **Lendas**. São Paulo, SP: Chiaroscuro Studios, 2018.

SANTOS-FITA D; COSTA-NETO EM. As interações entre os seres humanos os animais: a contribuição da etnozootologia. **Biotemas**, 20(4), 99-110, 2007.

SANTOS VD; MACIEL TA. Herpetofauna em uma comunidade rural do nordeste do Brasil: relatos sobre mitos nas diferentes gerações. **Ethnoscintia**, ano 07, n. 01, 2022.

SILVA ES; BOCHNER R; GIMÉNEZ ARM. O ensino das principais características das serpentes peçonhentas brasileiras: avaliação das literaturas didáticas no Ensino Fundamental do Município do Rio de Janeiro. **Educar em Revista**, v. 42, p. 297-316, 2011.

VOLPATO, E. S. N. Pesquisa bibliográfica em ciências biomédicas. **Jornal Brasileiro de Pneumologia** (Impresso), v. 26, p. 77-80, 2000.